

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
LICENCIATURA EM MÚSICA

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE NO CANTO ESCOLAR

ANA ELISA DE ALMEIDA GOMES

RIO DE JANEIRO
2017

ANA ELISA DE ALMEIDA GOMES

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE NO CANTO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Villa-Lobos do Centro de Letras e Artes da UNIRIO, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Música sob a orientação da Professora Doutora Silvia Sobreira.

Rio de Janeiro, 2017

Dedico este trabalho à minha mãe Cléa Maria, grande contribuidora no meu processo musical e acadêmico. Sem o seu apoio não seria possível a finalização deste graduação.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me ajudado em todo o meu desenvolvimento profissional, acadêmico e por ter cuidado de cada detalhe da minha formação nesta universidade.

Agradeço à minha família, em especial à minha mãe Cléa e à minha irmã Ellen, por terem acreditado no meu potencial, respeitado meu trabalho e por terem apoiado minha vinda ao Rio de Janeiro para a graduação na UNIRIO.

Agradeço ao meu futuro esposo, Magno Dutra, pela paciência, apoio e atenção no período desta graduação, que foi primordial para eu que continuasse até o fim.

Agradeço a todos os professores desta universidade que contribuíram para o meu desenvolvimento musical e profissional. Em especial aos professores: José Nunes, José Wellington e Mariana Sales, pela atenção desde o início de 2014 até este semestre. Com eles pude adquirir conhecimentos relevantes para minha formação como professora.

Agradeço à minha orientadora Silvia Sobreira pela atenção, paciência, e extrema dedicação durante a monografia e TCC. Graças a ela pude reconhecer a importância da leitura para que minha pesquisa atingisse todos os objetivos propostos.

Agradeço a todos os alunos e pais da minha escola de música em Volta Redonda, por acreditarem em meu trabalho e torcerem pelo meu sucesso acadêmico.

Termino estes agradecimentos lembrando os meus amigos da UNIRIO. Durante estes 4 anos, eles foram a minha família e meu porto seguro no Rio de Janeiro; em especial: Fernando Pereira, Jéssica Gimenes, Michel Ramos, Thamires Fonseca, Vinícius Louzada e Weberton Figueiredo.

A música é o tipo de arte mais perfeita: nunca revela o seu último segredo.
Oscar Wilde

GOMES, Ana Elisa de Almeida. Reflexões sobre a prática docente no canto escolar. Rio de Janeiro: Instituto Villa-Lobos/UNIRIO. TCC (Licenciatura em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade do Rio de Janeiro, 2017.

RESUMO

Esta monografia visa fazer uma reflexão a respeito do canto escolar, enfatizando aspectos relevantes como: afinação, tessitura e extensão vocal no contexto de canto escolar infanto juvenil. Ela busca propor estratégias e soluções para os professores de música que lidam com esta com o canto em sala de aula. Para complementar a pesquisa, foi feita uma entrevista com três professores de música que atuam na rede regular de ensino em Volta Redonda e Rio de Janeiro. Para fundamentar a pesquisa foi necessário buscar textos, artigos e livros da literatura nacional que abordam o assunto na musicalização.

Palavras-chave: Canto escolar, afinação, desafinação vocal, tessitura e extensão vocal.

SUMÁRIO

1.1 - Desafinação Vocal	13
1.1.1 - Possíveis causas da desafinação	14
2.2 - Atividades	19
CAPÍTULO 3	23
ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	23
3.1 - Formação dos entrevistados	23
3.2-Extensão e Tessitura	23
3.3- Afinação	24
3.4- Estratégias utilizadas	24
3.5- Repertório indicado	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
ANEXO	29

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo mostrar como os professores de música da Educação Básica lidam com as questões do canto e quais estratégias utilizam para favorecer o uso vocal durante o processo e o desenvolvimento musical dos alunos.

Durante o meu processo de musicalização na infância, pude observar que a ferramenta principal durante as aulas era o canto. Os professores exigiam total afinação, mas demonstravam pouca preocupação com aspectos fisiológicos da voz e respiração, por exemplo. O que me incentivou a escolha do tema foi a possibilidade de abordar as atitudes dos professores com relação ao canto, bem como compreender as estratégias pedagógicas.

Atualmente, ao ministrar aulas na cidade de Volta Redonda, principalmente no curso de canto e musicalização infantil, pude observar que a dificuldade de afinar permeia não só as crianças, mas todos os alunos de forma geral. Além das demandas naturais relativas ao ensino do canto, como a correta emissão, a projeção vocal e a realização do canto sem tensão, tenho percebido que a afinação requer muita atenção, não sendo tão natural quanto se possa pensar para aqueles que escolheram estudar canto. Alguns autores corroboram esta minha impressão:

Uma das grandes dificuldades no canto infantil, especialmente de alunos de uma escola de periferia que não tiveram vivências musicais satisfatórias, é a falta de afinação e a noção de alturas. (LIMA; SANTOS JUNIOR, 2015, p. 1).

Sendo uma das atividades musicais mais antigas que se tem notícia na história da humanidade “também é corporal, transforma o próprio corpo, a voz, em um instrumento musical (LIMA; SANTOS JUNIOR, 2015, p. 1). Além disso, possui fácil acesso e exige pouco recursos materiais.

O canto envolve o corpo em um todo, mas o instrumento não é concreto e palpável. A grande dificuldade é passar para os alunos como funciona o instrumento vocal. Vale ressaltar que não basta “cantar bem” para ensinar os alunos. É necessário buscar informações mais específicas, investigar caminhos e estratégias que possam ajudar no processo ensino aprendizagem e na localização por parte dos alunos dos elementos internos que farão sua “voz funcionar”.

A tradição oral do ensino do canto gera uma lacuna no que diz respeito à terminologia da pedagogia vocal que se torna subjetiva e discutível em vários aspectos. Os professores de canto tendem a se basear em suas próprias experiências como cantores para ensinar seus alunos. Essas experiências podem gerar diferenciações terminológicas entre os pedagogos de canto e a pedagogia vocal e a ciência vocal.

Existe uma literatura pequena que aborda o tema, como por exemplo, artigos da ABEM, relatando pesquisas sobre o ensino do canto escolar. Esses textos serão apresentados neste trabalho como referencial teórico.

Objetivo

O objetivo desta pesquisa é analisar quais as estratégias usadas pelos professores para lidar com o canto escolar, buscando acrescentar informações relevantes, principalmente no que diz respeito à afinação e à extensão vocal das crianças e adolescentes. Para atingir tal objetivo, foram entrevistados três professores que atuam na Educação Básica. O resultado das entrevistas é comparado com a literatura sobre o assunto.

A pesquisa procura abordar os professores que trabalham com faixa etária de 6 aos 14 anos, passando assim a fase de mudança da voz dos alunos.

Quadro teórico

O quadro teórico básico da pesquisa está constituído por pesquisadores que publicaram em Anais e periódicos da ABEM (FERNANDES DA SILVA; MARTINEZ, 2011; LIMA; SANTOS JUNIOR, 2015; VECHI 2015; MATEIRO; VECHI; EGG, 2014) sobre a questão do uso da voz nas escolas, bem como uma literatura complementar, porém, relevante para a área (SOBREIRA; BOECHAT, 2015; SCHMELING; TEIXEIRA, 2010), que aborda aspectos fisiológicos da voz, respiração, tipos de repertórios determinados para as crianças cantarem e estratégias que podem ser utilizadas durante as aulas.

Método da pesquisa

O método de estudo consistiu em uma pesquisa qualitativa. Foram entrevistados três professores de música, que responderam a um questionário (Anexo), que buscou compreender as estratégias utilizadas pelos mesmos no processo de ensino musical e vocal. Uma das docentes, foi minha professora quando criança e ainda trabalha ativamente no projeto de música que participei. A escolha desta participante se deve ao impacto positivo que suas aulas causaram em mim. Os outros dois participantes, além de atuarem na Educação Básica, ministram aulas particulares e em grupos diversos. Eles são reconhecidos no ambiente de trabalho, além de queridos pelas crianças. Ou seja, embora com pouco número de participantes, busquei a qualidade reconhecida das aulas dos profissionais.

Justificativa

A importância desta pesquisa se faz necessária devido ao pouco material encontrado sobre o tema, pois embora possam ser encontrados textos tratando do assunto, são poucos os que se dedicam a explicar as técnicas e trazer atividades possíveis de serem feitas em sala de aula.

Além disso, como a prática do canto é de uso frequente na educação escolar, torna-se necessário um maior conhecimento sobre o assunto.

Esta monografia está dividida em 3 capítulos, além desta Introdução e as Considerações finais.

No primeiro é apresentada a revisão de literatura e conceituação de termos.

O segundo aborda sugestões de atividades para se trabalhar com os alunos.

O terceiro capítulo é referente à análise de entrevistas, e, por fim as considerações finais.

CAPÍTULO 1

REVISÃO DA LITERATURA E CONCEITUAÇÃO DOS TERMOS

Neste capítulo será apresentada a revisão da literatura sobre o tema, trazendo os autores brasileiros que tratam da questão do ensino do canto. Os termos usados serão conceituados a partir da ótica desses autores.

A busca foi iniciada por uma revisão já feita por Mateiro e Vecchi (2014). Pesquisando sobre o assunto, entre 1992 e 2012, as autoras encontraram 92 trabalhos, que foram divididos em categorias:

- Canto na educação;
- Canto orfeônico;
- Canto em atividades escolares extramusicais;
- Canto e a aprendizagem lúdica;
- Canto voltado à técnica;
- Desenvolvimento de habilidades musicais através do canto;
- Canto como complemento em atividades musicais; e
- Canto coral ou coletivo.

A partir das leituras da literatura mencionada pelas autoras, escolhi as mais pertinentes para esta monografia. Logo, dessas categorias, tomo apenas “Canto voltado à técnica” e “Canto coral ou coletivo”, que podem ajudar a compreender a respeito das técnicas utilizadas no canto escolar.

Além do trabalho mencionado, foi feita uma busca nos Anais dos Congressos da ABEM dos anos de 2013 e 2015, bem como dos periódicos desta entidade, a saber, *Revista da ABEM* e *Música na Educação Básica*, com a finalidade de complementar a pesquisa para além do período estudado por Mateiro e Vecchi (2014). Contudo, outras leituras complementares foram feitas. São textos conhecidos no meio pedagógico e que foram encontrados a partir da orientação para esta pesquisa. A seguir, apresento os autores que publicaram nos Anais de congressos ou periódicos da ABEM.

Schmeling e Teixeira (2010) trazem uma discussão e possibilidades de atividades vocais no intuito de desenvolver a voz dos alunos, trabalhando desde a fala até o canto. O texto aborda as várias possibilidades de repertório adequado, experiências com o canto afinado e a inclusão do corpo como um todo no processo musical.

As autoras também trazem sugestões de atividades e canções. Um dos pontos mais relevantes do texto é o uso da percepção e treinamento auditivo, por exemplo: identificar a

altura das notas através de gestos, diferenciando graves e agudos. Elas apontam a voz falada, cantada e a relação do ambiente com o grupo de pessoas inseridas. As músicas devem ser trabalhadas antes, analisando a melodia, o que é grave e agudo e escutando os áudios das músicas propostas.

O outro texto que contribuiu para entender melhor sobre o tema foi o de Fernandes da Silva e Martinez (2011). Os autores acreditam que o canto é uma ferramenta fundamental no processo de musicalização infantil e apontam a eficácia do método Kodály durante as aulas, no qual se utiliza gestos exemplificando as alturas das notas, graves e agudas. Através deste método, os autores contam experiências vivenciadas em sala de aula e comentam sobre a necessidade dos docentes explorarem mais sobre o assunto ao se trabalhar com o repertório. Eles alegam que os treinos auditivos são primordiais para atingir o objetivo no trabalho de afinação. Neste artigo, os autores relatam a dificuldade das crianças diferenciarem a voz falada da voz cantada e o equívoco de relacionarem o cantar do gritar.

Sobreira e Boechat (2015) trazem a conceituação de termos como tessitura vocal limite confortável, registro vocal e muda vocal. Segundo os autores, muitos problemas ocorrem durante a prática do canto devido à falta de informação sobre o assunto e orientação ao lidar com os alunos no que diz respeito ao registro vocal. Os autores também argumentam que o repertório escolhido, muitas vezes, não é compatível com a faixa etária dos alunos. Isto faz com que uma série de problemas possam ocorrer, um deles é a criança ser considerada desafinada. Logo faz-se necessário entender melhor sobre aspectos referentes à extensão vocal e tessitura. Os autores também apresentam uma divisão em três partes referente ao registro vocal: Voz de peito (grave), voz média (médio) e voz de cabeça (agudo).

Conforme comentado anteriormente, para complementar a busca, procurei nos Anais da ABEM, na *Revista da ABEM* e *Música na Educação Básica* textos a partir de 2014 até 2016. É necessário lembrar que não procurei em todas as categorias procuradas por Vechi e Mateiro (2015), mas apenas as que tomo como centrais em meu estudo.

Os outros textos foram pertinentes e ajudaram a pensar na questão do canto escolar e serão comentados a seguir, buscando considerar os aspectos práticos do ensino do canto.

Sobreira (2003) ajuda com informações relevantes sobre parâmetros para avaliação vocal, levando em consideração o contexto social e padrões estabelecidos pela cultura e a possibilidade de que alguns distúrbios de ordem neurológica possam ser os agentes causadores da desafinação ou de que desafinação seja um traço genético.

Em texto posterior, Sobreira (2013) contribui para entender a necessidade dos professores buscarem mais formação que lhe deem suporte para trabalhar com a música em

suas aulas. A autora alega que há insuficiência de informações e discussões tendo o canto como recurso de musicalização. Muitos professores desconhecem orientações básicas como a respiração e a impostação correta ao falar.

Complementando a pesquisa, um livro que foi fundamental para entender a postura do professor em relação ao canto e coral foi “Canto canção cantoria: como montar um coral infantil”. (SESC, 1997)¹. O texto aborda os procedimentos adotados com a prática coral, a voz do regente como instrumento de trabalho, técnica vocal e os cuidados que devem ser tomados com a ressonância, vogais e tessitura. Neste livro são trazidas várias informações referentes à postura do profissional que lida com o canto e o exemplo que deve ser em relação aos alunos. A boa colocação da voz por parte do regente é apontada como um elemento fundamental, porque durante o canto, as crianças procuram imitar a altura ouvida e se o modelo do regente ou professor for inadequado, elas tenderão a reproduzir o erro. Por causa da imitação, a autora lembra do grande problema para os professores homens, por exemplo, pois algumas crianças podem ter dificuldade de compreender a questão da oitava reproduzida pelo cantor de sexo masculino. Neste caso, ela sugere que o ideal é ter um modelo para reproduzir o trecho ou repertório almejado, no caso ou uma voz feminina ou outro aluno que já tenha aprendido a proposta.

Boa parte dos textos apontam que a questão da afinação está ligada ao domínio da extensão vocal pela criança (SOBREIRA; BOECHAT, 2015; MARTINEZ; SILVA, 2011) por isso, é necessária uma conceituação dos termos utilizados nesta pesquisa, a saber: desafinação vocal e extensão vocal. Além da conceituação, serão trazidas as técnicas que os autores alegam para o aprimoramento desses itens, bem como suas opiniões sobre tais questões.

1.1 - Desafinação Vocal

No uso cotidiano da língua, é comum que as pessoas que não cantam adequadamente sejam consideradas desafinadas. É necessário ressaltar que não conseguir cantar afinadamente não está, necessariamente, relacionado à falta de musicalidade ou à incapacidade de ter reações e comportamentos musicais (SOBREIRA, 2017, p. 134).

¹ O livro *Canto, canção, cantoria: como montar um coral infantil* foi publicado pelo SESC SP em 1997 e tem Gisele Cruz, funcionária dessa instituição, como autora do texto, pesquisadora e organizadora do material. Em razão da política empresarial praticada na época, a publicação apresenta vários lapsos, como ausência de ISBN, de ficha catalográfica e do nome da autora em destaque junto ao título. Seu nome é mencionado apenas nos créditos da ficha técnica.

Segundo Sobreira (2017), a maior parte dos estudos sobre o tema da desafinação é encontrada em textos de língua inglesa. Para ela, cabe apresentar uma explicação sobre o sentido dessa palavra nessa língua. O termo usado como equivalente à palavra desafinação é *tone deafness*, que, em sua tradução literal, significaria “surdez para as notas” (ou “para os tons”). Contudo, a escolha dessa tradução não faz sentido na língua portuguesa, posto que temos uma palavra específica para definir o fenômeno, no caso, desafinação. Em português, a palavra é, pelo menos, mais neutra do que seu equivalente em inglês, pois indica o fenômeno, sem pretensões de estabelecer a causa. As modificações ocorridas no resultado do canto desafinado podem variar de leves distorções a completas descaracterizações da linha melódica original. Além disso, é necessário esclarecer que o uso da palavra *tone deafness* na língua inglesa, tanto nas pesquisas quanto entre professores de música, é considerado pejorativo e inadequado (SOBREIRA, 2017, p. 134).

Segundo Andrade (2010, p. 76), o termo afinação pode ser definido como um estado de perfeito acordo entre as notas de um instrumento, de uma orquestra, de um grupo vocal, de um conjunto musical ou da voz humana. Logo serão designadas desafinadas as crianças que não são capazes de reproduzir vocalmente os padrões sonoros assumidos pela cultura ocidental baseados nos padrões de afinação da cultura europeia. Ainda em sua pesquisa, a autora atribui a desafinação vocal infantil aos aspectos dos ambientes que não estimulam a vivência musical afetiva e efetiva.

1.1.1 - Possíveis causas da desafinação

Bellochio (2011, p. 64) aponta algumas causas da desafinação em crianças.

-Inexperiência ou falta de prática: As crianças aprendem por imitação e se elas não são estimuladas por suas famílias e professores a cantar e não têm contato com o canto, não há como construir a sua habilidade de cantar.

-Timidez: O canto é uma expressão humana e se a criança é muito tímida, não confia em si mesma e não é encorajada a cantar, ela demorará a desenvolver o canto.

-Modelos inadequados: Se a criança aprende, ouve música de má qualidade cantada de forma errada, tentará cantar da mesma maneira. A criança é imitativa.

De acordo com Sobreira (2003), existem alguns fatores preponderantes que permitem a afinação das crianças. Um deles seria a capacidade das crianças em distinguir alturas melódicas na escuta. Muitos alunos têm dificuldade em escutar o som e fazer a distinção, o que prejudica diretamente no trabalho de afinação nas músicas. É necessária a persistência em

atividades de treino auditivo, porque através deste exercício ocorre uma maior assimilação da altura das notas. No entanto, a autora aponta como maiores empecilhos os mesmos problemas apontados posteriormente por Bellochio. Para Sobreira (2003, 2017), a criança tende a “falar” a letra da música e considerar que já está cantando. Cabe ao professor, ajudá-la a encontrar a sua voz. Segundo esta autora, os problemas psicológicos ou a falta de um treinamento adequado na criança podem gerar traumas e criar um desafinação que poderia ser evitada. Para Sobreira, o problema, na maioria das vezes, não está no nível da percepção auditiva, mas na falta de domínio da voz cantada.

Assim como Sobreira, para Andrade (2010 p. 77), a causa da desafinação está ligada a problemas orgânicos, como: voz rouca, alergias, maus hábitos vocais; temperamento, repertório inadequado e desconhecimento técnico na área.

1.2 - Extensão vocal e Tessitura

Muitos autores adotam o mesmo significado de tessitura e extensão vocal. De acordo com o artigo de Sobreira e Boechat (2015), define-se a tessitura como a parte da escala vocal que o cantor pode realizar sem esforço e com uma sonoridade plena e sem maiores dificuldades. É a região da extensão vocal onde o cantor tem mais conforto e brilho na voz. O grande problema é o fato que nem todas as notas limites do cantor podem ser inseridas no canto, logo a qualidade musical destes limites pode ficar comprometida. Por isso, alguns autores, entretanto, utilizam apenas o termo extensão vocal confortável.. Outros autores definem extensão como: O parâmetro vocal referente ao número de notas, ou distâncias, entre as notas mais agudas e as notas mais graves que uma pessoa pode produzir”.

Segundo Sobreira (2017, p.101, 102) a maior parte dos estudos sobre extensão vocal infantil aponta para a estreita relação existente entre os problemas de afinação e a capacidade que a criança tem de usar sua voz adequadamente. O problema do uso de tal definição para a escolha da extensão a ser executada em aula está no fato de que nem sempre as notas limites que o cantor consegue executar podem ser inseridas no canto. Assim, a qualidade musical desses limites é posta em questão. Por isso, alguns professores preferem trabalhar com o conceito de extensão confortável, embora ele também seja questionado por outros pesquisadores. A partir disso, faz-se necessário compreender esses conceitos para ter um melhor resultado durante as aulas de canto e coral. Quando se analisa o repertório e as tonalidades antes de passar para as crianças, é possível fazer uma previsão de possíveis dificuldades relacionadas à extensão vocal, que podem vir no percurso das aulas.

Em alguns estudos, o termo tessitura é usado quase como sinônimo de extensão vocal. Define-se tessitura como a região confortável da extensão vocal para desenvolver o canto. O problema para o professor que leciona música em escolas consiste em detectar qual é a extensão adequada para usar com seus alunos (BOECHAT; SOBREIRA, 2017, p. 103). Os autores sugerem algumas atividades, no intuito de explorar a extensão vocal dos alunos. Partindo de algumas estratégias, o canto pode ser feito através de jogos e brincadeiras musicais, para estimular a criança a usar a sua voz com prazer e plenitude. É importante que ela se acostume com a sensação de afinar, pois isso pode ser um poderoso estímulo para fazê-la explorar com sucesso outras regiões vocais menos usuais em sua prática (BOECHAT; SOBREIRA, 2017, p. 106).

CAPÍTULO 2

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Neste capítulo serão apresentadas as atividades e sugestões que se relacionam ao aprimoramento do canto. Elas foram extraídas da literatura pesquisada. Também serão comentadas as estratégias apresentadas na literatura para a melhoria da qualidade da afinação. O objetivo de se fazer este levantamento é o de oferecer estratégias pedagógicas para aqueles que lidam com o canto, mas também de ter um conjunto de práticas que possam ser comparadas com aquelas recolhidas nas entrevistas feitas para este estudo.

Segundo Boechat e Sobreira (2017) antes de começar as atividades vocais, o professor precisa explicar aos alunos a diferença da voz cantada para a falada. Durante o processo, os alunos devem tocar em sua garganta e peito, a fim de tentar localizar as mudanças de registro. Professores que fornecem informações sobre como e por que a voz muda quando se canta ajudam a criança a se concentrar nas experimentações vocais, obtendo maior sucesso na aprendizagem do canto (BOECHAT; SOBREIRA, 2017, p. 109). Da mesma maneira, Andrade (2010) também aponta a importância de se mostrar à criança a relação entre a fala e o canto.

- Fazer a criança sussurrar.
- Falar e cantar usando rimas, recitações ou frases improvisadas.
- Imitar os sons do ambiente com a voz.
- Estimular as crianças a fingirem que são o vento ou o carro dos bombeiros, movimentando seus braços e corpos enquanto cantam.
- Falar, ritmadamente, um verso conhecido e depois cantá-lo em apenas uma altura.
- Imitar sons de gatos (com objetivo de alcançar a voz de cabeça).
- Imitar sons da cidade e sons da natureza;
- Reproduzir sons de sirene, fim de sustentar o registro mais agudo
- “conversação entre gatos”, esta atividade é muito eficaz no que diz respeito a exploração da voz de cabeça. Na imitação, é possível trabalhar o agudo.
- Exercícios com *glissando*, subindo e descendo (ANDRADE, 2010, p. 78).

2.1 - Sugestões para trabalhar a mudança de registro vocal

Quando a criança atinge o estágio de compreender a diferença dos registros, é possível trabalhar pequenas canções e alguns padrões melódicos. Boechat e Sobreira (2017) listam algumas sugestões para o trabalho com repertório:

- isolar as frases curtas, utilizando a vogal “u”, para trabalhar a passagem do registro médio para o registro agudo, e a vogal “a”, para trabalhar o registro grave da extensão vocal. Essa abordagem, ajuda a estabelecer a tonalidade e diminuir as dificuldades que as palavras apresentam.

- imitação de um som com a sílaba “nu”. O professor se posiciona atrás da criança e canta numa altura nem muito grave nem muito aguda (com a sílaba “nu”), pedindo que ela escute de olhos fechados, para se concentrar melhor. Logo depois, a criança tenta imitar o som e o professor trabalha, a partir da voz dela, a transposição para tonalidades que explorem o registro mais agudo.

- *boca chiusa*: através dessa técnica é possível trabalhar a noção de altura, entonação e a atenção, além de permitir que o aluno tome consciência da altura que está sendo produzida com a boca fechada, por meio da respiração, em oposição ao som produzido com a boca aberta, que se projeta e dificulta a percepção do que está sendo cantado.

A criatividade do aluno também é um dos recursos que o professor pode aproveitar para o trabalho da voz infantil. A exploração criativa de sons com a boca e o corpo, aliada ao trabalho com estilos musicais, permite que a criança não só conheça melhor a sua voz, mas também vivencie a forma musical e aspectos da fraseologia (BOECHAT; SOBREIRA, 2017, p. 116).

Segundo Andrade (2010, p. 78), uma das formas de explorar os sons vocais é antes de tudo, escolher um material de canção apropriado, fazendo as crianças cantarem individualmente e posteriormente gravando os áudios para que elas escutem.

Logo a seguir estão inseridas atividades realizadas em sala de aula que poderão nortear o professor no desenvolvimento musical dos alunos de forma lúdica e agradável.

2.2 - Atividades

Atividade 1

Sobreira (2017) cita várias atividades que podem explorar a voz antes de cantar. Por exemplo:

- Recitar pequenos versos ou poemas;
- Imitar sons de sirene e explorar a extensão vocal (através de *glissandos*);
- Imitar sons de pássaro e animais.

O objetivo destas atividades é permitir que a criança experimente diferentes timbres, sensações e aos poucos perder a timidez ao emitir a voz em regiões de cabeça e média por exemplo.

Atividade 2

Uma das atividades propostas Martinez e Silva (2011) seria utilizar a música “Minha Canção” do musical “Os Saltimbancos” para trabalhar o método Kodály, sistema que relaciona cada nota musical a um gesto manual particular que passa a representá-la metaforizando uma questão musical numa visão corporal. Não só durante esta canção, mas em determinados trechos musicais, os autores frisam que é importante a utilização de gestos para demonstrar o grave e o agudo, porque isso ajuda os alunos a terem uma noção concreta de altura das notas.

Atividade 3

Outra sugestão mencionada por Teixeira (2010) e Schmeling (2010) seria explorar trava-línguas. Eles requerem atenção, agilidade oral e ritmo que explorem diferentes consoantes):

“ O rato roeu a roupa do rei de Roma”

“Se a liga me ligasse, eu também ligava a liga, como a liga não me liga, eu também não ligo a liga”.

“Norma nina o nenê de Neusa”.

“ O pinto pia, a pia pinga. Pinga a pia, pia o pinto. Quanto mais a pia pinga, mais o pinto pia.”

Atividade 4

Nesta atividade, o objetivo é trabalhar e criar situações ou imagens que facilitem na busca e a exploração de diferentes timbres e colocações vocais. Por meio destas práticas, Teixeira e Schemling (2010) a percepção entre as possibilidades da voz falada e cantada torna-se mais aguçada e de execução mais consciente.

“Alô. O Tatu taí?

Trim trim, trim...

- Alô, o Tatu taí?

-Não, o Tatu não tá, mas a mulher do Tatu tando, é o mesmo que o Tatu tá!

-Então tá.

-Tá!

Tu, tu, tu, tu...”

Atividade 5

Ciranda a duas vozes, Teixeira e Schmeling (2010) Este trabalho auxilia na expressividade do canto, uma vez que a interação com o grupo, por meio da brincadeira proporcionada pela dança, ajuda a descontrair e a cantar de forma mais relaxada, criando-se também uma imagem da música:

Casa de Farinha (1ª voz)

Mandei fazer uma casa de farinha

Bem maneirinha que o vento possa levar

Oi passa, sol, oi passa chuva, oi passa vento,

Só não passa o movimento do cirandeiro a rodar.

Casa de farinha (2ª voz)

Achei bom bonito,

Meu amor brincar,

ciranda maneira,

vem cá cirandeira , vem balançar.

Atividade 6

Bellochio (2011) propõe uma atividade de escuta. Ela aponta a necessidade das crianças ouvirem outras vozes e apreciarem diferentes estilos. É necessário ouvir aos poucos, para que as crianças possam compreender a parte sonora e os registros de tessitura. Algumas sugestões podem ser :

Saber viver- Roberto Carlos e Erasmo Carlos em interpretação de vozes e palmas:

<http://www.youtube.com/watch?v=byc4Cm0LJmM&feature=related>

Sítio do Pica-Pau Amarelo- Gilberto Gil em interpretação da Banda de Boca:

<http://www.youtube.com/watch?v=qKCuIrSi1ws&feature=related>

Bachiana n. 5 – Heitor Villa-Lobos em interpretação da Banda de Boca:

<http://www.youtube.com/watch?v=ZBTsWXjZnbE>

Atividade 7

Cruz (SESC,1997) coloca algumas sugestões a respeito do repertório. Estratégias como:

- Conjunto de peças que viabilizem o desenvolvimento vocal do grupo;
- Músicas em uníssono, estilos e gêneros variados;
- Peças com e sem acompanhamento instrumental;
- Canções que introduzam cânones.

Atividade 8

Outra sugestão seria trabalhar com músicas mais complexas. Cruz (1997) aponta algumas observações:

- Corrija os erros assim que percebidos. A memorização da criança será imediata;
- Não perca muito tempo com uma mesma música;
- Os conceitos “fácil” e “difícil” muitas vezes são do regente e não do coro;
- A atividade que não alcançou o objetivo deve ser repensada;

- Os problemas nem sempre serão solucionados durante os ensaios.

Atividade 9

Vechi (2015) propõe algumas estratégias para trabalhar músicas com as crianças. O importante é ampliar o repertório dos alunos, oferecendo uma diversidade de estilos musicais.

Para que aconteça um melhor desempenho, a autora sugere:

- Cantar de pé oferece melhores condições para cantar;
- A postura é essencial para que facilite a respiração durante as aulas;
- O professor deve escolher tonalidades de modo que as crianças cantem de forma confortável;
- Os alunos podem cantar a capela ou com ajuda de instrumentos harmônicos como: violão ou piano.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Durante todo o projeto, além dos textos que serviram como base para o processo, realizei entrevistas com três professores de música. Dois deles trabalham com coral em igrejas e escolas municipais de Magé e Belford Roxo. A outra professora é de Volta Redonda, onde ministra aulas no projeto “Volta Redonda Cidade da Música” no qual iniciei meus estudos de canto e violino. Foram dados nomes fictícios aos entrevistados, a fim de preservar a identidade de cada docente.

O objetivo deste capítulo é exemplificar o que realmente ocorre em sala de aula, como os professores lidam com questões referentes à desafinação e muda vocal e comparar as suas práticas com o que a literatura afirma.

3.1 - Formação dos entrevistados

Todos possuem Licenciatura em Música e atuam no ensino fundamental há mais de 5 anos. Rita há 17 anos, Carla a 6 anos e Ricardo 10. Além disso, Ricardo tem um coro particular em uma Igreja Batista, no bairro onde mora.

A seguir, apresento a visão dos professores entrevistados sobre os tópicos abordados nesta monografia:

3.2-Extensão e Tessitura

Rita alega que durante o trabalho com o canto nas aulas, a primeira coisa a ser analisada no repertório é a tessitura, se realmente é confortável a todos. Ricardo e Carla também apontam a necessidade de rever as tonalidades das canções que os alunos escolhem, pois é preciso analisar as notas da extensão de cada grupo vocal. Assim, o que os professores alegam está em consonância com o que a literatura recomenda.

3.3- Afinação

Rita comenta que durante o seu processo de formação, quando tinha alunos desafinados, uma das sugestões era cantar mais “piano”, escutando os amigos em determinado trecho. Carla já utiliza outra estratégia: coloca os alunos que possuem mais dificuldade para ajudar a tocar a harmonia e acompanhamentos com percussão. Ricardo coloca o aluno no meio dos “afinados”, às vezes funciona.

3.4- Estratégias utilizadas

Todos os entrevistados alegam a importância e o cuidado ao lidar com as vozes dos alunos. Eles utilizam vocalizes, aquecimentos como: imitar o sons de moto, telefone, alguns animais e solfejos durante as suas aulas de instrumento e de musicalização. Eles afirmam que o corpo precisa estar preparado para o trabalho vocal. Rita buscou estas estratégias durante a sua graduação e no projeto de música no qual participa. Ricardo e Carla na igreja onde iniciaram sua formação musical. Tudo indica que a prática escolhida por estes professores vem mais dos conselhos e consultas à comunidade de professores conhecidos do que de suas buscas individuais em leituras.

3.5- Repertório indicado

Ricardo e Carla comentam que na escolha das músicas, os alunos decidem e chegam em um consenso, geralmente são músicas animadas e ao escolherem, eles decidem e verificam os tons de forma acessível a todos. Rita propõe cânticos infantis envolvendo percussão corporal.

Todos os entrevistados mostram uma preocupação no que diz respeito a tonalidades escolhidas e a tessitura das crianças. De acordo com Boechat e Sobreira (2015) é necessário saber lidar com a tessitura vocal das crianças. Os autores relatam o fato de alguns livros didáticos em determinados países apresentarem canções em regiões muito agudas, desde então em certos casos a criança é rotulada como desafinada.

Martinez e Fernandes da Silva (2011) também ressaltam que muitos professores não possuem orientação a respeito da prática do canto, por cantar na região da fala, induz os alunos a fazerem o mesmo, cantando mais grave.

Contudo, é necessário compreender certos aspectos referentes ao canto e buscar mais informações que possam auxiliar no ensino. Vechi (2015) aborda a importância do canto como veículo de socialização, musicalidade, controle muscular e corporal. (IDEM)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo da monografia e do projeto final, pude perceber o quanto é importante conhecer e aprofundar cada vez mais sobre o assunto que se pretende abordar, principalmente porque é um tema de grande utilidade em minha prática pedagógica. Um dos objetivos principais era auxiliar os meus alunos que tinham dificuldade com afinação durante as aulas de canto. E através dos textos, livros e entrevistas, pude adquirir informações que me auxiliaram intensamente na prática docente. Contudo, a eficiência do método Kodály, foi primordial, enfatizando gestos durante a altura das notas e a praticidade do mesmo em minhas aulas. É um método que pretendo estudar e me aprofundar, pois parece promissor. Durante as minhas aulas, tenho experimentado colocar estratégias desta metodologia e percebi grandes avanços; os alunos compreendem melhor quando abordo sobre altura de notas e extensão vocal.

Contudo, a partir das entrevistas e textos de apoio, concluo que há grande diversidade de reflexões sobre o tema e como ele é vivenciado pelos professores de música. Estar sempre atualizando o conhecimento e pesquisando estratégias que possam auxiliar no ensino musical é fundamental para atingir os objetivos propostos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Débora. A Metodologia de Bartle para o trabalho com crianças desafinadas por meio do canto coral: uma prática inclusiva. **Revista Tecer**, vol. 3, nº 4. Belo Horizonte: Maio, 2010. Disponível em:

<[https://www.academia.edu/2192866/A Metodologia de Bartle para o trabalho com crian %C3%A7as desafinadas por meio do canto coral uma pr%C3%A1tica inclusiva.](https://www.academia.edu/2192866/A_Metodologia_de_Bartle_para_o_trabalho_com_crian%C3%A7as_desafinadas_por_meio_do_canto_coral_uma_pr%C3%A1tica_inclusiva.)>

Acesso em: 26 maio 2017.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Minha voz, tua voz: falando e cantando na sala de aula. XXII CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, **Anais....** 2015. Disponível em:

http://abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed3/pdfs/artigo4_3.pdf.

Acesso em 10 ago 2017.

BOECHAT, Bruno SOBREIRA, Silvia; A extensão vocal infantil. XXII CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL **Anais...** 2015. Disponível em:

<<http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xxiicongresso/xxiicongresso/paper/view/1024/421>>..Acesso em:15 maio 2017.

CALVENTI, Glória. In: SOBREIRA, Silvia (Org.). **Desafinando a escola**. 1ª ed. Brasília: MUSIMED, 2003. p.8-31.

CRUZ, Gisele. **Canto, canção, cantoria: como montar um coral infantil**. São Paulo:SESC, 1997.

LIMA, Ailen Rose Balog; SANTOS JÚNIOR, Paulo Jeovani . Em busca da afinação no Coral Infantil como meio de musicalizar no Programa do PIBID de Música no UNASP. In: XXII CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, **Anais...** 2015, Natal/RN. Disponível em:

<<http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xxiicongresso/xxiicongresso/paper/view/1255>. >. Acesso em 10 ago 2017.

MATEIRO, Teresa; VECHI; Hortênsia; EGG, Marisleusa de Souza. A prática do canto na escola básica: o que revelam as publicações da ABEM (1992-2012).**REVISTA DA ABEM**, Londrina ,v.22, n.33 , 57-76 , jul.dez 2014.Disponível em:

<<http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/478>>. Acesso em 10 Ago 2017.

SCHMELING, Agnes; TEIXEIRA, Lúcia. Explorando possibilidades vocais:da fala ao canto. Música na educação básica **REVISTA DA ABEM**. Alegre, v. 2, n.2,setembro de 2010 Disponível em:

<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed2/pdfs/MEB2_artigo6.pdf

>Acesso em: 10 ago 2017.

SILVA, Daniela Guimarães Fernandes da; MARTINEZ, Fábio Tagliari.O canto na educação infantil:desafios da afinação vocal. In: XX CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL. **Anais...**, 2011,Vitória. Disponível em:

<http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xxiicongresso/xxiicongresso/paper/viewFile/1088/425>>. Acesso em: 10 set 2017.

SOBREIRA, Silvia (Org.). **Desafinando a escola**. 1ª ed. Brasília: MUSIMED, 2003.

_____. **Desafinação Vocal**. 2ª ed. Musimed. Rio de Janeiro, 2003.

VECHI, Hortênsia. As práticas pedagógicas com o canto na sala de aula: um estudo de caso. XXII CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL **Anais...** 2015. Disponível em

<http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xxiicongresso/xxiicongresso/paper/view/1088>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

ANEXO

Questionário da entrevista

1-Há quanto tempo você dá aulas em escolas?

2-Fale sobre sua formação como professora antes de dar aulas.

3-Você trabalha muito com canto na escola? Que tipo de trabalho? Coral ou canto como uma das atividades?

4-Você acha importante saber sobre fisiologia da voz, muda vocal e tessitura, antes de começar a trabalhar com as crianças ou escolher o repertório?

5-O que você faz quando tem alguma criança desafinada?

6-Você acha que as crianças tem alguma resistência de cantar?

7-Tem algum repertório que você possa indicar que seja algo que atraia as crianças?